

O regente-arranjador e a produção de arranjos corais de música brasileira: revisão bibliográfica

CAROLINA ANDRADE OLIVEIRA
ECA/USP - carol_spm@yahoo.com.br

SUSANA CECILIA IGAYARA-SOUZA
ECA/USP - susanaiga@gmail.com

A prática coral está em constante modificação, bem como a escolha do repertório a ser trabalhado e apresentado. Desde o início do século XX, o arranjo aparece como ferramenta no Brasil para produção e consequente aumento do repertório coral. Com o passar dos anos, vemos uma maior ou menor incidência de alguns tipos de repertório nas performances corais, como arranjos de música folclórica, renascença, spirituals, música brasileira de vanguarda, arranjos de música popular brasileira, entre outros. Nosso foco investigativo são os arranjos de música brasileira e como eles foram usados ao longo do século XX, principalmente a partir dos anos 1970, quando houve um aumento significativo na produção e na performance.

Nossa pesquisa de mestrado em andamento busca 1) investigar, identificar e analisar as práticas do regente-arranjador no ensaio e na performance de seus próprios arranjos de música brasileira, bem como 2) discutir a circulação desse repertório no ambiente coral. Para tanto, optamos por uma metodologia mista, com revisão bibliografia, biografia coletiva (prosopografia), coleta e análise de programas de concerto, partituras e gravações, além de entrevistas semiestruturadas. Para este artigo, focamos na revisão bibliográfica dos trabalhos que tratam da temática de arranjos no Brasil, independente da abordagem.

A revisão bibliográfica fez-se necessária porque, apesar da temática de arranjos ser cada vez mais presente na discussão acadêmica, não há nenhum trabalho que trate diretamente do regente-arranjador. Por conseguinte, lemos e analisamos estes trabalhos fazendo as aproximações necessárias com nossa temática específica. Esta revisão não abarca todos os trabalhos da área coral, ela está restrita ao

nosso objetivo de discutir a produção de arranjos atrelada à figura do regente-arranjador.

A busca por trabalhos que de alguma forma dialogassem com a nossa temática foi feita inicialmente através da internet, consultando, por palavras-chave relacionadas, as Bibliotecas Digitais de Teses e Dissertações da USP⁴², UNESP⁴³ e UNICAMP⁴⁴ e o Portal de Periódicos da CAPES. Depois de encontrados os primeiros trabalhos, buscamos nominalmente por outros que estavam nas referências bibliográficas. Destes, apenas dois não possuem arquivo digital disponível online (Souza, 2003 e Fernandes, 2003), sendo necessário acessar suas versões impressas nas bibliotecas do IA-UNESP⁴⁵ e da FFLCH-USP⁴⁶, respectivamente.

Dois autores (Moura, 2012 e Teixeira, 2013) se preocuparam em fazer uma revisão bibliográfica de acordo com suas temáticas, o primeiro revisou trabalhos que tratam das práticas corais no Brasil – desde questões técnicas de expressão vocal e regência, formação de repertórios, quanto em processos educativos – e o segundo, Samuel Kerr, revisando trabalhos que abordam seus arranjos corais ou sua figura como regente.

A temática de arranjos não é o cerne da maioria destes trabalhos revisados, porém todos a abordam por algum viés, a saber: Camargo (2010) e Moura (2012) discutem o arranjo na cultura brasileira; Souza (2003) trata o arranjo como ferramenta de educação musical; Fernandes (2003), Oliveira (1999), Soares (2013) e Teixeira (2013) centram-se nos arranjadores; e Soboll (2007) aborda a técnica dos arranjos.

Vale ressaltar que todos esses autores são regentes e a grande maioria produziu e executou arranjos para seus coros, sendo assim também, regentes-arranjadores. Este fato ratifica a grande incidência de profissionais com este perfil bivalente, justificando ainda mais a necessidade de uma investigação específica de suas práticas, o que nos pareceu demonstrar que

⁴² Universidade de São Paulo.

⁴³ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

⁴⁴ Universidade Estadual de Campinas.

⁴⁵ Instituto de Artes.

⁴⁶ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

o tema escolhido tem pertinência no âmbito dos estudos de repertório e de práticas corais no Brasil.

Autores e trabalhos

Paulo Celso Moura é doutor em música pela UNESP, sob orientação de Dorotéia Machado Kerr, onde atualmente é professor de regência coral e canto coral. É regente do Coro de Câmara do Instituto de Artes da UNESP e do Coro Juvenil da Fundação OSESP (Sala São Paulo). Já atuou na área de Políticas Culturais, participando como membro efetivo do Conselho Municipal de Política Cultural de São Caetano do Sul (2011) e membro do Núcleo Executivo Municipal para elaboração do Plano Municipal de Cultura desse município (2012).

Moura (2012) aborda, através de um retrospecto histórico, as diversas práticas do Canto Coral em São Paulo, que considera como um “circuito cultural híbrido resultante de processos de construção e desconstrução de sentidos sócio-culturais ao longo do século XX”, também trata, sob o ângulo dos circuitos culturais, do contexto de algumas políticas para a cultura no Brasil.

Cristina Moura Emboaba da Costa Julião de Camargo possui doutorado em música pela USP, sendo orientada por Rodolfo Coelho de Souza. Foi regente coral da UNESP nos campi de Franca e Jaboticabal de 2003 a 2015. Tem experiência na área de música com regência, composição e arranjos para coro. Atuou como professora de música especializada em pedagogia Waldorf. Integra o grupo de câmara Brasil Matuto desde sua fundação em 2014 como pianista, violonista, regente e cantora. Atualmente é docente na Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC/CEART nas áreas de Regência, Prática de Coral e Prática de Conjunto.

Camargo (2010) discute os modelos de repertório utilizados por coros amadores no século XX e investiga a inserção de arranjos da canção popular urbana a partir dos anos 60, apontando um afastamento das obras originais criadas para coro neste período e mudanças na interpretação e na vocalidade. Camargo afirma a existência de um predomínio da performance de arranjos sobre as obras originais para coro e destaca os arranjadores Levy Damiano Cozzella, Samuel Kerr e

Marcos Leite como arranjadores atuantes nesse processo.

Sandra Mendes Sampaio de Souza é mestre em música pela UNESP, sob orientação de Marisa Trench de O. Fonterrada e co-orientação de Dorotéa Machado Kerr, onde atualmente integra o projeto “Coral da UNESP”, dirigindo os corais dos campi de São José dos Campos e Guaratinguetá, também respondendo pela coordenação artística do projeto no estado. Dirige o Coral Liberconto de São José dos Campos desde 1998, com o qual possui um CD gravado (2007). É professora nos cursos de música da FAAM⁴⁷, e desde 2013 é Diretora Cultural na Fundação Cultural Cassiano Ricardo, entidade gestora da Cultura na cidade de São José dos Campos.

A autora, assim como Camargo (2010), também afirma a significativa presença de arranjos vocais de música popular brasileira no repertório de grande parte dos coros brasileiros, particularmente dos coros amadores. Souza (2003) estuda o arranjo como instrumento de educação musical. Além de fazer um levantamento da trajetória do canto coletivo no Brasil e de construir uma proposta de educação musical pelo canto coral embasada na teoria de Paulo Freire, também entrevista oito regentes que escrevem arranjos para seus coros e analisa alguns desses arranjos. Apenas neste trabalho encontramos o uso do termo “regentes-arranjadores”, adotado para nossa pesquisa.

Sergio Alberto de Oliveira, mestre em artes pela UNESP – orientado por José Roberto Zan –, é pianista, regente, arranjador, compositor, produtor e atuante da área cultural e social. Radicado em Ribeirão Preto desde 1991, é membro do Conselho Curador do Theatro Pedro II dessa cidade como representante da USP, membro do Grupo Coordenador das Atividades de Cultura e Extensão da USP, Diretor Artístico e Regente Titular dos Corais da USP e do Coral Jovem Sathya Sai.

O processo de criação e sistematização do Coro-Cênico no Brasil é documentado no trabalho de Oliveira (1999), que o separa em duas modalidades: “vanguardista” e “cancionista”. Sendo esta segunda advinda da música popular, o autor analisa o trabalho de arranjos de canções do regente-arranjador Samuel Kerr, descrevendo seu método de trabalho com coros

⁴⁷ Faculdade de Artes Alcântara Machado.

amadores. Também há relatos de experiência com outros coros-cênicos, como o Coral IBM/Campinas e os Grupos “Via Oral” e “Vocal Bossa Nova”, ambos do Coral da USP-Ribeirão.

Paulo Frederico de Andrade Teixeira é doutorando em música na USP e mestre na mesma instituição sob orientação de Marco Antonio da Silva Ramos. Regente, violonista e arranjador, atualmente é docente da Universidade Anhembí Morumbi no curso de Pós-Graduação em Trilha Sonora: Composição para TV e Cinema. Dirige o Coral da Associação Atlética Banco do Brasil de São Paulo, e também é regente e professor na Congregação Israelita de São Paulo.

Samuel Kerr também tem seus arranjos analisados por Teixeira (2013). Tendo reunido um conjunto de cento e noventa e nove arranjos, o autor elenca quatorze procedimentos recorrentes na produção de Kerr, como exemplo, pergunta e resposta, melodia acompanhada e Quodlibet. Através do Referencial Silva Ramos, é realizada uma análise mais detalhada de cinco arranjos, buscando relacionar o pensamento criativo e pedagógico de Samuel Kerr.

Lineu Formighieri Soares possui mestrado em música pela UNICAMP, tendo sido orientado por Antonio Rafael Carvalho dos Santos. Foi regente e arranjador do Coral Homens do Rei da gravadora GBM. Em 1985, iniciou sua atividade profissional com música, como maestro da Orquestra do IAE (atual UNASP). Em 1988, transferiu-se para o IASP (Faculdade Adventista), em Hortolândia, onde dirigiu o Coral Jovem por 12 anos. Atualmente, é regente do Coral Universitário do UNASP-EC⁴⁸, onde também leciona.

Assim como Teixeira (2013), Soares (2013) também estudou a escrita coral de um regente-arranjador, neste caso, Marcos Leite. O trabalho traz a análise de três arranjos de canções com diferentes níveis de dificuldade, abordando aspectos técnicos como forma, estrutura e textura, encadeamento harmônico. O autor conclui que Leite mantém os elementos coloquiais característicos da linguagem popular em seus arranjos, ao mesmo tempo trazendo equilíbrio nas disposições vocais e elementos criativos nos contracantos. Marcos Leite é apontado como um renovador da prática coral e

⁴⁸ Centro Universitário Adventista de São Paulo.

influenciador dos regentes e arranjadores atuais.

Eduardo Gonçalves Fernandes possui mestrado em Integração da América Latina pela USP sob orientação de Kazadi wa Mukuna. Atualmente é regente do Coral UNIFESP, CORALUSP, Coral Belas Artes e professor de Regência do Curso de Música do FIAM-FAAM Centro Universitário.

Fernandes (2003) faz um levantamento dos arranjadores corais das cidades de São Paulo e Buenos Aires. Cataloga a produção de arranjos corais de música popular desses arranjadores e também discute a atividade coral nessas cidades. Através da análise de alguns arranjos reflete sobre o hibridismo do arranjo coral, “vaso comunicante entre a cultura popular e erudita”.

Renate Soboll é mestre em Performance Musical (regência) pela UFG⁴⁹, com Ângelo de Oliveira Dias como orientador. Ela é arranjadora e pesquisadora da música regional brasileira. Atualmente é Regente do Coral Municipal de Palmas, Professora Assistente na UFAL no Curso de Licenciatura em Música e Professora Voluntária em Regência e Arranjo do Curso de Educação Musical a Distância da UFSCar⁵⁰.

Soboll (2007) também trata de arranjos destinados a coros amadores, seu foco é o processo de elaboração de arranjos vocais de músicas regionais brasileiras, em especial a caipira. Demonstra através de um levantamento das canções originais, da preparação das edições e a da performance dos arranjos, que é possível musicalizar e preservar as tradições socioculturais de uma região ou comunidade. A autora também discute técnicas composicionais que podem ser utilizadas pelos arranjadores e oferece alternativas para aliar simplicidade e ao mesmo tempo tornar o repertório atrativo – para coralistas e público – e de fácil preparação.

Ideias e pensamentos comuns entre esses autores

1. Categorizar o arranjo coral como uma produção híbrida: Canclini entende por hibridação “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que

⁴⁹ Universidade Federal de Goiás.

⁵⁰ Universidade Federal de São Carlos.

existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2003, p. xix). Com base nisso, vemos o arranjador – regente ou não – como intermediador de dois conjuntos culturais, a canção popular e as práticas corais.

(...) existe uma convergência possível entre as linguagens de música popular e erudita. Certos procedimentos musicais de determinados arranjadores, tais como o tipo de textura musical utilizada, abordagem do texto, escolha de fonemas para acompanhamento da melodia, harmonia empregada, entre tantos outros, apontam para um caminho muito interessante que surge uma fusão entre a música popular e a erudita, (...) (FERNANDES, 2003, p. 3).

O desafio de unir as técnicas tradicionais de escrita vocal aos temas populares é notório na produção de alguns arranjadores e maestros, tais como Damiano Cozella, Amaury Vieira, Esmeralda Rusanowsky, Roberto Gnattali, Samuel Kerr, Marcos Leite, entre outros (SOARES, 2013, p. 5).

A realização de música popular urbana - originalmente pertencente ao campo da indústria cultural - pelos grupos corais não representa o aparecimento de um produto híbrido pelo simples fato da inserção desse tipo de produção em repertórios antes concentrados nas tradições eruditas ou mesmo nas recriações “eruditizadas” de temas folclórico-tradicionais. Ou seja, a hibridização não se caracteriza pela construção de repertórios “miscelânea”. O que torna essa produção híbrida, entre outros fatores, é o fato de que no processo de sua ressignificação para a estrutura e dinâmica do discurso coral, ela se transforma: fornece apenas uma referência incompleta dos conteúdos de referência; apresenta-se deslocada de seu contexto de origem (modos de difusão e consumo), assim como sua identidade inicial; cria uma atmosfera sonora totalmente diversa por conta das mudanças tímbricas resultantes da escrita vocal (muitas vezes a capela) e de sua realização ao vivo (MOURA, 2012, p. 128).

2. Considerar o arranjo uma parte integrante do processo de criação da obra musical: as concepções de arranjo e composição original mudam e sofrem ressignificações do

âmbito erudito para o popular. Há também o processo de reelaboração pelo qual a canção passa, por meio do arranjador, para tornar-se arranjo coral. Se entendermos que “a obra só está completamente produzida no momento que é tocada” (NATTIEZ, 1987 p. 100 apud DELALANDE, 1991), o arranjo coral quando executado insere-se no processo de criação de uma “obra”.

Atualmente a música popular arranjada (adaptada) para coro é responsável por grande parte do repertório apresentado em concertos e encontros de corais, sejam de corais universitários, de empresa, de clubes ou comunitários. No entanto, este tipo trabalho nunca mereceu um estudo acadêmico mais aprofundado. Não existe sequer um catálogo de partituras editado, ou ainda uma listagem com os compositores que se dedicam a este tipo de produção cultural em São Paulo (FERNANDES, 2003, p. 2).

Aqui Fernandes refere-se ao criador do arranjo como “compositor” e não “arranjador”, o que denota uma forte intenção de dar ao arranjo um status de “obra”. Isto se torna mais evidente após lermos os currículos artísticos desses indivíduos listados, onde em alguns casos não há registro de criações de “composições originais”. Por outro lado, todos esses indivíduos exercem atividade como regente, o que também atesta o item 5 deste trabalho.

3. Justificar o crescimento de sua utilização com o advento da indústria cultural. Aqui Camargo também credita a simplificação da escrita vocal à indústria cultural.

O Coral tornou-se um grupo vocal, com arranjos estruturados em blocos harmônicos, com acompanhamento instrumental e reforçados por performances cênicas bem humoradas. Podemos pensar em uma simplificação gradual de sua escrita vocal, adaptando a sonoridade coral às exigências do mercado fonográfico (CAMARGO, 2010, p. 51).

4. Considerar aspectos do gosto, da familiaridade e da busca de uma construção da cultura e da identidade – seja dos coralistas e/ou do público – fazendo do regente-arranjador um mediador das questões identitárias do grupo.

A motivação dos regentes em relação ao uso de música popular nos repertórios de seus corais está centrada principalmente no gosto dos cantores por este tipo de música (FERNANDES, 2003, p. 18).

(...) o coro tradicional se associa a uma proposta de seleção de repertório ligado a uma apuração do gosto dos praticantes e do público (OLIVEIRA, 1999, p. 138).

(...) foi no Clube Pinheiros. Uma senhora disse: "Ai, eu gosto tanto dessa música, maestro." Eu levei pra casa e fiz o arranjo e depois eu fiz o Coral Paulistano cantar esse arranjo (...) fazer a música para o momento, para a necessidade, para a conveniência do coro, pela memória do coro, um monte de coisa (KERR in TEIXEIRA, 2013, p. 112).

5. Assumir que o regente é o principal produtor desses arranjos – regente-arranjador, exercendo essa dupla função (e outras tantas).

120

O arranjo vocal requer daquele que o escreve – evidentemente estamos falando de um arranjo bem escrito – o domínio de uma série de aspectos musicais, sem os quais não poderia chegar a resultados satisfatórios. Desde os conhecimentos de elementos estruturais necessários ao processo de composição, até um sólido conhecimento das particularidades da escrita para vozes, tudo isto tem que ser levado em conta na elaboração de um arranjo. (...) Além disso, mais uma vez, o respeito à realidade dos grupos vocais aos quais os arranjos são destinados também se torna um parâmetro importante (SOUZA, 2003, p. 63).

A motivação inicial para a realização desta pesquisa surgiu a partir da minha trajetória musical, atuando na maior parte do tempo na direção de corais e grupos vocais amadores. Ao longo desses anos, pela necessidade da atividade profissional, tive a oportunidade de trabalhar não somente como diretor e regente desses grupos, mas também como arranjador, tendo em vista a necessidade constante de um repertório adequado não somente às questões temáticas, mas também à faixa etária e ao nível técnico dos participantes dos grupos (SOARES, 2013, p. 1).

Este quinto item é muitas vezes colocado pelos autores destes trabalhos revisados como um “saber comum” e até torna-se relato de experiência pessoal, como é o caso de Soares (2013). Mas em artigo apresentado e publicado na “III Jornada Acadêmica Discente – PPGMUS – ECA/USP” (OLIVEIRA; IGAYARA-SOUZA, 2015) pudemos atestar o protagonismo do regente-arranjador na produção de arranjos.

Na pesquisa supracitada, através de uma análise quantitativa das músicas listadas em programas de concertos de encontro corais, pudemos identificar a porcentagem de arranjos em relação à de composições, também separando músicas brasileiras e músicas internacionais.

A partir disso também mensuramos, entre os arranjos de música brasileira, a porcentagem produzida por regentes-arranjadores, que constatamos ser maioria:

Muitos grupos executam arranjos de seu próprio regente (22%), (...) Porém boa parte dos arranjos executados foi feita por regentes de outros grupos (47%), o que diz muito sobre a circulação massiva desse tipo de repertório entre os coros. Unindo estas duas parcelas, temos 69% dos arranjos sendo criações de regentes-arranjadores (OLIVEIRA; IGAYARA-SOUZA, 2015, p. 157).

(...) a performance de arranjos tem sido quantitativamente superior em comparação ao uso de composições originais para coro. Estes dados puderam ser apurados ao longo dos anos de prática no universo da música coral brasileira, por meio da participação sistemática em encontros de coros – com grupos oriundos de todo o país – debates e colóquios com colegas regentes e troca de material entre grupos, esta última uma constante em meio coral (SOBOLL, 2007, p. 9).

Este artigo, portanto, apresenta uma etapa do trabalho em andamento, voltado ao estudo das práticas do regente-arranjador e da circulação do repertório de arranjos de músicas brasileiras, observando tanto aspectos de sua produção, como de sua presença nas apresentações corais. Tendo estudado as ideias e pensamentos comuns encontrados nos autores revisados, os próximos passos incluem o desenvolvimento desses temas, bem como a análise dos pontos

discordantes entre estes mesmos autores.

Referências Bibliográficas

CAMARGO, Cristina Moura Emboaba da Costa Julião. *Criação e arranjo: modelos para o repertório de canto coral no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Música). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2010.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2003.

DELALANDE, François. *Faut-il transcrire la musique écrite?* Paris: Analyse Musical, 1991.

FERNANDES, Eduardo Gonçalves. *O arranjo vocal de Música Popular em São Paulo e Buenos Aires*. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina - PROLAM (FFLCH /USP), São Paulo, 2003.

MOURA, Paulo Celso. *Vozes paulistanas: as práticas do canto coral em São Paulo e suas relações com políticas públicas para cultura*. Dissertação (Doutorado em Música) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2012.

OLIVEIRA, Carolina Andrade; IGAYARA-SOUZA, Susana Cecília. *O perfil do regente-arranjador e a presença de arranjos no repertório coral brasileiro*. In: Anais da III Jornada Acadêmica Discente - PPGMUS - ECA/USP, São Paulo, 2015, v. 1. p. 150-158.

OLIVEIRA, Sergio Alberto de. *Coro-cênico: uma nova poética coral no Brasil*. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual de Campinas - Campinas, 1999.

SOARES, Lineu Formighieri. *A escrita coral para a Música Popular Brasileira na visão de Marcos Leite*. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual de Campinas - Campinas, 2013.

SOBOLL, Renate Stephanes. *Arranjos de música regional do sertão caipira e sua inserção no repertório de coros amadores*. Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Goiás - Goiânia, 2007.

SOUZA, Sandra Mendes Sampaio de. *O arranjo coral de música popular brasileira e sua utilização como elemento de educação musical*. Dissertação (Mestrado em Música). São José do Rio Preto: Universidade Est. Paulista Júlio Mesquita Filho, 2003.

TEIXEIRA, Paulo Frederico de Andrade. *Samuel Kerr: um recorte analítico para performance de seus arranjos*. Dissertação de mestrado - Universidade de São Paulo - São Paulo, 2013.